

Carvoarias estão destruindo a reserva de Comboios

Sylvio Costa

"Essas manchas de floresta impedem a ação eólica marinha que caustica e destrói o solo desflorestado, formando desertos..." Foi o que escreveu em 1950 o estudioso Albérico Freire do Prado ao redigir um trabalho sobre a Ilha de Comboios.

Quase quarenta anos depois, a ameaça permanece atual. Agora, aliás, o problema inspira preocupações ainda maiores. Comboios é a primeira reserva biológica do Estado e a mais representativa zona de preservação de restinga do litoral brasileiro. No entanto, o desmatamento daquele sítio ecológico, situado entre a barra dos rios Doce e Riacho, parece resistir aos tempos e às leis. Embora o desmate esteja proibido em todo o país, em Comboios, dezenas de posseiros e carvoeiros — seja plantando mandioca ou produzindo carvão — fazem da depredação uma rotina de trabalho. A fiscalização do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal tem agido, mas não a ponto de resolver o problema. E a indústria da destruição continua sem controle.



Fotos de José A. Magnago

Restam poucos vestígios da mata da ilha de Comboios, região de preservação ecológica decretada pelo Governo. Diante da impotente fiscalização do IBDF, as matas são derrubadas para a formação de pastagens para o gado, acelerando a devastação de toda a região

Está em vigor desde o último dia sete de julho lei sancionada pelo presidente José Sarney que proíbe o desmatamento. Ela admite apenas o 'manejo sustentado', técnica que combina a exploração da madeira com a reposição das florestas em que há interferência do homem. Um maneira de preservar as espécies nativas e tornar permanentes os rendimentos que a natureza pode oferecer.

No Espírito Santo, porém, a destruição das matas remanescentes persiste, embora elas representem hoje somente 3% da cobertura florestal primitiva do Estado. Um dos locais preferidos dos depredadores é a ilha de Comboios, a mais antiga reserva capixaba e tida pelos especialistas como a mais importante área de preservação de restinga do litoral brasileiro.

A ilha vem sofrendo, sobretudo a partir do início da década de 70, um processo de devastação de consequências desastrosas. De acordo com pesquisas realizadas para o Museu Nacional pelo cientista Augusto Ruschi, mais da metade da fauna da região foi dizimada entre os anos de 1972 e 1978. O número de árvores derrubadas é incalculável.

Os reflexos da barbárie ecológica estão nos rios assoreados, na menor ocorrência de peixes e na diminuição da área mantida sob preservação.

Ao ser criado em 1951 pelo Governo do Estado, o Parque Biológico de Comboios contava com 9.900 hectares constituídos de



A moto-serra é a principal arma usada na devastação da reserva



Tartarugas gigantes podem ser extintas

Se o desmatamento em Comboios persistir, o Brasil poderá perder o único local em todo o seu território procurado pelas chamadas tartarugas gigantes durante o seu período de reprodução. A advertência é do oceanógrafo João Carlos Alciati Thomé, atual coordenador estadual do projeto Tartarugas Marinhas, o Tamar.

"O desmatamento pode levar à extinção. Sem a escuridão que a mata propicia, as tartarugas deixam de vir à praia para a desova. Em muitas praias, as tartarugas já desapareceram em função do desmatamento e da urbanização", afirmou ele.

O alerta deve ser encarado com preocupação. Afinal, a tartaruga gigante — que tem o nome científico de *Dermochelys coriacea* e também é conhecida como tartaruga de couro ou de casco mole — é a mais rara das espécies de quelônio existentes no mundo.

Medindo até dois metros e meio de comprimento e chegando a pesar mais de 700 quilos, a *Dermochelys* é protegida por inúmeras leis (Código Florestal, Lei de Proteção à Fauna, portaria 05/86 da Sudepe, etc.). Na verdade, é proibida a captura de qualquer uma das cinco espécies de

fauna e da flora. No caso de Comboios, porém, há um infinidade de argumentos que podem ser esgrimidos em favor da preservação. Não bastasse o fato de se tratar de uma área em que a depredação é vedada por diversos documentos legais, lá existiam, até 78, 20 espécies oficialmente consideradas "em vias de extinção".

Eram elas, segundo Ruschi: ariranha, tatu-canastra, preguiça-de-coleira, macuco, zabelê, gavião-de-penacho, gavião-real, gavião-de-topete, gavião-pega-macaco, jacutinga, tiriba fura-mato, papagaio-do-peito-roxo, papa-formigas, jacu-verde, bicudo, tartaruga gigante, tartaruga-de-pente, tartaruga-de-gancho, tartaruga comum e jacaré-de-papo-amarelo.

Algumas delas, com certeza, não serão mais encontradas nos dias de hoje. De qualquer maneira, o valor científico da região é atestado por incontáveis pesquisadores. Desde 1557, quando visitada pelo francês Jean de Lery, a ilha de Comboios foi estudada por naturalistas como Saint-Hilaire, Maximiliano Philipp, Prinz von Wied-Neuwild, Albérico Freire do Prado, Frederico Sellow, Lauro Travasso e, claro, Augusto Ruschi.

Este, em 72, observou no local 448 diferentes espécies de mamíferos, aves e répteis. Apenas seis anos depois, encontraria somente 220. Há muito, aliás, os técnicos ad-

de peixes e na diminuição da área pantaneira sob preservação.

Ao ser criado em 1951 pelo Governo do Estado, o Parque Biológico de Comboios de terras devolutas. Atualmente, a reserva biológica possui 833,23 hectares: 8% da sua área original. O pior é que o pouco que resta está ameaçado pelas carvoarias ilegais e pelo uso irracional do solo por posseiros lá instalados.

Sobreviver às motosserras, aos caçadores e à agricultura predatória é o grande drama de Comboios. Uma ilha localizada nos municípios de Linhares e Aracruz, cercada pelo mar, por lagoas, (Encantada, São João e Redonda) e pelos rios Doce, Preto, Comboios e Riacho. Um lugar cujo patrimônio zoológico desde 1557 atrai a curiosidade e o interesse de estudiosos de todo o mundo. Uma área ainda bela, onde se abrigam diversos animais em extinção e espécies vegetais desconhecidas e que pode se transformar num deserto se não for imediatamente interrompida a absurda escalada dos desmates.

A ilha

A ação dos depredadores é notada principalmente em Regência. Trata-se de uma antiga vila, cuja história fala de dois fatos importantes: a visita do imperador D. Pedro II (um apaixonado pela natureza e pela cultura indígena) e o episódio em que um modesto morador — o herói capixaba Caboclo Bernardo — se immortalizou ao salvar toda a tripulação de um navio estrangeiro que por ali naufragou.

A 120 quilômetros ao Norte de Vitória, Regência tem uma população de aproximadamente 600 pessoas. É um povo pobre que não dispõe de um médico sequer e vive quase todo ele da pesca. Entre as casinhas construídas uma perto da outra, três ou quatro casas comerciais, uma única escola, o altíssimo farol erguido pela Marinha, galinhas e cachorros passeando pelas ruas e a alegria das crianças que brincam na foz do rio Doce.

A maioria dos carvoeiros em atividade na ilha de Comboios fica nas proximidades da vila e do lugar em que a Petrobrás mantém um terminal portuário e vários poços de prospecção de petróleo e gás natural. Ao Sul, em Aracruz, o perigo maior não é a produção de carvão mas principalmente as plantações de mandioca feitas por índios Tupiniquins e posseiros em terras pertencentes à Funai. Cultura essencialmente predatória, a mandioca é plantada depois de queimadas e leva em pouco tempo o solo à exaustão.

Administrados desde setembro de 84 pelo IBDF, os 833 hectares de reserva biológicos estão cercados e — pelo menos agora — estão sendo realmente protegidos. Só não escapam de eventuais investidas de caçadores. O corte indiscriminado de madeira em sua volta se constitui, no entanto, em uma ameaça concreta para a reserva.

O último levantamento que o Instituto de Terras e Cartografias (ITC) tem sobre Comboios data de 82. Na época existiam 160 posseiros na ilha dos quais apenas 12 possuíam escrituras. Hoje, permanece o



O assoreamento dos cursos d'água é causado pelo desmatamento contínuo.



A tecnologia é usada indiscriminadamente na destruição da ecologia



A restinga que deveria ser preservada é transformada em carvão mineral

mesmo o número de propriedades tituladas. Mas o número de posseiros diminuiu em função da concentração fundiária. Em fazendas de até mil hectares o desmate é diário e tem ritmo industrial.

O IBDF já multou vários carvoeiros, mas não o bastante para deter a indústria da destruição. Dezenas e dezenas de trabalhadores dedicam-se, em mais de 10 carvoarias, à dura tarefa de derrubar as árvores, transformá-las em carvão e de providenciar o embarque nos caminhões-gaiolas. Derrubar a mata é a parte mais fácil do serviço, do qual dão conta velozes motosserras. Difícil mesmo é produzir o carvão, cujo cozimento nunca demora menos de 24 horas. Embora, nos alto-fornos, seja consumido em questão de minutos...

A lei

O engenheiro florestal Gilberto Freire de Matos, responsável pela reserva de Comboios, explica o significado da lei recentemente sancionada pelo presidente Sarney (Lei 7.511, que alterou o artigo 19 do Código Florestal): "O chamado corte raso está proibido no Brasil. Ninguém pode desmatar. A não ser através de um plano de manejo, autorizado pelo IBDF, que permita a

exploração da floresta sem destruí-la. Seria não acabar com uma mata de uma vez. Mas tirar a madeira hoje fazendo reposição e adotando providências que permitam sustentar a produção para que daqui a 15 anos, por exemplo, você ainda possa tirar madeira sem ter destruído a flora e a fauna".

Antes mesmo dessa lei, entretanto, a área florestada de Comboios estava resguardada legalmente. A legislação anterior proibia o desmate sem prévia autorização do IBDF. Além disso, de 51 a 84, Comboios foi objeto de quatro leis específicas. A primeira criou o parque biológico. Depois, em 82, um decreto do governador Eurico Rezende reduziu a sua dimensão de 9.960 para 414,39 hectares. Em 83, decreto de Gérson Camata aumentaria a área para 833,23 hectares. Finalmente, no dia 25 de setembro de 84, era criada a reserva sob a responsabilidade da União (cuja transferência para o Governo Federal era reivindicada desde 71).

A legislação, contudo, não parece interessar aos carvoeiros. "Quando tá bom, a gente enche umas oito gaiolas por mês", conta o empregado de uma pequena carvoaria da região. A remuneração é de Cz\$ 15 por metro de carvão e, em geral, a atividade é vista como uma forma de devastar

maneiras (Código Florestal, Lei de Proteção à Fauna, portaria 05/86 da Sudepe, etc.). Na verdade, é proibida a captura de qualquer uma das cinco espécies de tartarugas que ocorrem no país.

Dessas, quatro foram encontradas e identificadas em Comboios pelo cientista Augusto Ruschi em 78: a gigante, a comum ou de casco duro (*Caretta caretta*), a de pente (*Chelonia imbricata*) e a de gancho (*Talassechelys caretta*). Antes, a depredação se dava fundamentalmente através da destruição dos ovos e das fêmeas pela população nativa. Hoje, o desmatamento é o inimigo número um das tartarugas.

Desde 82, quando o projeto foi iniciado, os ovos deixados na praia são localizados, protegidos e transferidos para uma base de incubação. Paralelamente às pesquisas sobre as características das espécies, os filhotes nascem e são lançados ao mar. De lá para cá, inicialmente sob a coordenação da atual secretária de Meio Ambiente da PMV Maria da Glória Brito e agora de João Carlos, foram lançados no Oceano Atlântico 18.317 filhotes da *Caretta* e 1.036 da *Dermochelys*.

O trabalho se desenvolve ao longo dos 37 quilômetros de extensão da Praia de Regência — que, situada entre a barra dos rios Doce e Riacho, é a maior praia do Estado. Mas tudo que foi feito corre o risco de se perder em função do desmatamento que, sobretudo na área da Funai, está acontecendo cada vez mais próximo ao mar.

Prova disso é que, nos últimos dois anos, apenas duas tartarugas gigantes chegaram à praia para depositarem seus ovos. Nos dois primeiros anos do projeto, o período da desova (entre outubro e março) trouxe à praia entre quatro e sete tartarugas.

de modo rentável as terras que depois serviram à criação de gado.

Às vezes, o posseiro arrenda a propriedade para a produção de carvão. É o caso de Márcio Luiz Silva, que tem como arrendatários os carvoeiros José Bonzom e Badé Correia. Localizada próxima à ponte sobre o rio Comboios, essa é uma das maiores carvoarias da região. E é também uma das maiores propriedades (em torno de 200 alqueires, ou mil hectares).

Márcio Silva foi multado dia 29 de julho pelo IBDF.

Na última quarta-feira, apesar disso, lá estava funcionando a pleno vapor a carvoaria tocada pelos arrendatários. Isso é o que tem acontecido. Geralmente, o desmate só cessa e as carvoarias são abandonadas quando não existe mais madeira nenhuma na propriedade. Que passa então a ser do gado bovino. Assim tem sido nas terras de Luiz Carlos Gaburro, Alcino Galavotti, José dos Santos, Almir da Silva Reis, Joaquim Denécio da Silva e vários outros posseiros que estão desmatando a área ilegalmente.

Os perigos

Não são poucos os que buscam ironizar ou desdenhar toda iniciativa em defesa da

rentes espécies de mamíferos, aves e répteis. Apenas seis anos depois, encontraria somente 220. Há muito, aliás, os técnicos advertem para os perigos da devastação de Comboios. Em 50, ao fazer um estudo para o Governo do Estado, Albérico do Prado dizia que a sua destruição poderia levar à formação de um deserto.

Constituída por sedimentação, inclusive por solos de dunas, a ilha tinha e tem na vegetação a sua "proteção natural". O desmate das margens do rio Comboios, por exemplo, produziu tal assoreamento que o transformou em pouco mais do que uma vala. A devastação total, segundo previu em 45 Lauro Travasso, faria da região "um novo Nordeste, com as calamidades das secas e das enchentes".

Os seus efeitos não terminam aí. O assoreamento dos rios e lagoas, obviamente, provoca prejuízo à reprodução das espécies subaquáticas afetando a procriação numa região que é, por ficar entre a barra de dois rios e numa praia semideserta, um dos trechos de maior abundância do pescado de todo o litoral capixaba. Impediria, finalmente, a eventual identificação de espécies animais e vegetais desconhecidas.

A vegetação de restinga — toda aquela que se desenvolve em terreno arenoso ao redor do mar ou de cursos d'água — normalmente não cresce muito. Mesmo quando milenar, apresenta pouca altura. Uma das marcas de Comboios é o fato de ali terem sido encontrados gigantescos exemplares de espécimes típicas da mata atlântica e que de modo geral não existem nas restingas: jacarandás, cedros, jequitibás, caixetas, peroba, sucupira, etc.

Essas árvores, já tombadas e vendidas a bom preço pelos depredadores de plantão, não existem mais. Para salvar o que restou, o IBDF, o ITC, a Ufes, a Emater e outros órgãos formaram uma comissão. "Não adianta nada cuidar das tartarugas se está havendo desmatamento", explicou o coordenador do projeto Tartarugas Marinhas, João Carlos Alciati Thomé.

"Com essa comissão, poderemos levantar toda a situação da área de Comboios e inclusive da comunidade que vive aqui. A idéia é dar assistência técnica aos proprietários, regularizar sua situação, fornecer assistência social aos moradores da vila, enfim, examinar toda a realidade local para fazer um plano amplo".

Essas discussões possibilitariam até mesmo o entendimento entre os posseiros depredadores e os órgãos encarregados da preservação da ilha. A situação atual, reconhecemos, é confusa. As terras são devolutas, mas estão ocupadas. O desmate, proibido, continua em escala acelerada. E até o gado, que não deveria ter nada a ver com a história, é prejudicado. Jogado num solo totalmente impróprio à agropecuária — porque arenoso e sem fertilidade para quase todas as culturas agrícolas — o gado magro visto entre Barra do Riacho e a foz do rio Doce é em si um retrato desse panorama.

Da mesma forma que há décadas a região aguarda medidas de proteção, o gado criado sem nenhum critério em Comboios prossegue vagando em inadequados pastos em busca de uma solução que só autoridades e posseiros poderão encontrar.